SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXX

MAIO DE 1974

N.º 349

Avulso Esc. 5$00

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA - 3 — Telef.: 63660

A CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES ELEGEU O PRESIDENTE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

A Conferência de Dirigentes, que reuniu em 18 do corrente, estudou a actual situação da Associação dos Escoteiros de Portugal e procedeu à eleição do Presidente da Direcção.

Estiveram presentes dirigentes dos Grupos do Norte e o respectivo chefe regional, e ainda dirigentes dos grupos do Entroncamento, Azambuja, Sintra, Cacém, Queluz, Carcavelos e Lisboa, bem como delegados da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e o representante do «Sempre Pronto». Encontravam-se ainda membros da Direcção cessante, chefe regional de Lisboa e muitos antigos escoteiros. A sessão realizou-se no salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, tendo sido aprovado um voto de agradecimento pela amável cedência do salão e colaboração dispensada.

Presidiu o escoteiro-chefe-geral Comodoro António Tengarrinha Pires, secretariado pelo sr. Albano da Silva, secretário-geral, e por um representante da corporação dos Bombeiros.

Usaram da palavra diversos participantes, tendo sido notável a intervenção do chefe do Grupo 33, do Porto, Dr. Meira Ramos, que teceu considerações acerca da validade dos Estatutos, depois da extinta Mocidade Portuguesa ter passado a ser apenas uma associação da juventude, afirmando que o diploma oficial que criou o Secretariado da Juventude, agora também extinto, dava então a este organismo competência para coordenar as actividades das associações da juventude, mas não lhe conferia os poderes quase tirânicos conferidos à M. P. Portanto, quebradas as algemas que nos sujeitavam à M. P., não tinha havido necessidade de nos sujeitarmos de novo à mesma disciplina através daquele Secretariado.

Presentemente, a Associação deve considerar-se livre e sujeita apenas às disposições legais que regem todas as instituições perante o Estado. Em face da presente situação, foi aprovado por unanimidade que se recomendasse à Direcção a constituir que proceda rapidamente à elaboração de um novo Estatuto associativo.

A eleição de um novo Presidente para os Escoteiros de Portugal era problema que vinha merecendo a melhor atenção da Direcção cessante e de diversos dirigentes, devendo notar-se a conclusão interessante que, no parecer de todos os Dirigentes consultados, uma pessoa havia que merecia o apoio unânime: o sr. dr. Fausto Salazar Leite, antigo dirigente, que dedicou à AEP grande actividade até 1934. De tal maneira o nome do dr. Salazar Leite era por todos desejado, que, ao ser proposto, logo uma forte e unânime saudação acolheu a proposta, tendo sido considerado eleito por aclamação.

O dr. Fausto Salazar Leite foi na sua juventude escoteiro do Grupo n.º 11, anexo ao Liceu de Camões, unidade de que fizeram parte rapazes que vieram a destacar-se no de-

Continua na pág. 10

O ESCOTISMO E O MOMENTO POLÍTICO

Em Fevereiro de 1969, publicou «Sempre Pronto» um artigo notável do nosso querido colaborador Professor Álvaro Dória, que, versando o tema «Escotismo e Política», comentava muito judiciosamente declarações feitas no «World Scouting» por Lazslo Nagy, secretário-geral da Repartição Mundial de Escotismo. A reimpressão pura e simples desse brilhante trabalho seria o melhor testemunho da posição do Escotismo no actual momento político, se não achássemos nosso dever definir, com afirmações reiteradas, a nossa atitude.

No artigo então comentado, dizia Laszlo Nagy: Ficamos frequentemente satisfeitos com repetir que o nosso Movimento é, por definição, fundamentalmente apolítico. Talvez seja, mas a interpretação errónea deste princípio, em vez de fortalecer o nosso Movimento, ameaça afastá-lo das realidades da própria vida. **A objectividade desta afirmação é ainda reforçada:** O caminho a seguir não é o do velho conservantismo assente em declarações solenes e apelos teóricos à justiça, nem o da resignação cega e passiva perante a chamada inevitabilidade da história. O caminho a seguir é o de resoluções inteligentes e esclarecidas, concebidas com profundo sentido de justiça e também daquilo que é possível. Queiram ou não queiram, o Escotismo, como outros movimentos juvenis, tem de encarar de frente as realidades e isto requer coragem.

Estas avisadas palavras, escritas numa época e num local afastados, aplicam-se com toda a propriedade ao momento político que estamos vivendo. Não vale de nada vir neste momento histórico evocar a nossa neutralidade política. Certamente que, na nossa qualidade de Escoteiros, não poderemos alinhar nem pela direita, nem pelo centro, nem pela esquerda, caminhos que nos estão, no entanto, inteiramente

Continua na pág. 3

Escotismo em Moçambique

Comemorações de S. Jorge e entrega da medalha de agradecimento a Maximiano Leiria

No campo das práticas escotistas da Lusalite, próximo da vila do Dondo, em Moçambique, tiveram lugar, por antecipação, em 21 de Abril, as comemorações de S. Jorge, patrono do escotismo mundial, que reuniram cerca de três centenas de escoteiros, guias e avezinhas pertencentes a todos os agrupamentos da Beira, do Corpo Nacional de Escutas e dos grupos n.os 29 e 51 e da Lusalite, da Associação dos Escoteiros de Portugal, e os seus mais cotados dirigentes. Presentes, também, alguns antigos escoteiros e muitos familiares e amigos dos jovens participantes.

Logo de manhã, após a chegada ao campo de três superlotados autocarros vindos da Beira (distante 30 quilómetros do local), que transportavam os escoteiros daquela cidade, e perante formatura geral, foram içadas as bandeiras nacional, do C. N. E. e da A. E. P.; decorrendo depois vários movimentos desportivos e de treino escotista que puseram em acção todos os participantes.

Foi celebrada uma missa pelo assistente regional dos escoteiros, Reverendo Padre Lacerda, no decorrer da qual prestaram promessa uma avezinha e um explorador. Após o descanso do almoço, foi projectado um filme sobre o famoso futebolista Pelé, ao qual se seguiram novas práticas escotistas.

Ao findar a tarde, todos os participantes se reuniram em formatura geral na praça das bandeiras para se proceder à cerimónia da entrega da Medalha de Agradecimento — classe ouro — ao dirigente Maximiano Leiria, com que foi agraciado pela A. E. P. em reconhecimento dos «muitos e bons serviços prestados ao movimento escotista».

A esta cerimónia presidiram todos os chefes de agrupamento do C. N. E., das Guias de Portugal e dos grupos da A. E. P.

O E. C. Manuel A. Rodrigues teceu algumas considerações sobre o movimento escotista e elogiou a acção do galardoado, desenvolvida em prol do escotismo. Seguidamente o chefe do grupo, Augusto Aleixo, colocou a medalha ao peito do distinguido, debaixo de prolongada e calorosa salva de palmas. O dirigente Maximiano Leiria, num breve discurso, falou com modéstia do imerecimento de tal distinção, pois que tudo o que tem feito é no seguimento de imposição da consciência que o obriga a amparar e apoiar as iniciativas que contribuam para uma benéfica formação da juventude.

E o dia, de fraternal e franco convívio escotista, terminou com o arrear das bandeiras ao som do hino nacional.

C.

Grupo n.º 51 — BEIRA

Provas desportivas — Vela

Em continuação das provas desportivas da modalidade «VELA» organizado pelo Clube Náutico da Beira, realizaram-se mais três regatas nos dias 2, 3 e 9 de Março, nas quais as classificações obtidas pelos representantes do Grupo 51 na classe «VAURIENS» foram as seguintes.

Dia 2 de Março: 4.º lugar: Agostinho Graça e Rui Vidal; 5.º lugar: Alfredo Bandeira Rodrigues e Rui Pinho; 6.º lugar: Ana Maria Rodrigues e Alves Martins.

Dia 3 de Março: 1.º lugar: Alfredo Bandeira Rodrigues e Rui Pinho; 2.º lugar: Agostinho Graça e Rui Vidal; 4.º lugar: Ana Maria Rodrigues e Alves Martins.

Dia 9 de Março: 7.º lugar: Agostinho Graça e Rui Vidal; 8.º lugar: Alfredo Bandeira Rodrigues e Rui Pinho; 9.º lugar: Ana Maria Rodrigues e Alves Martins.

As regatas anunciadas para os dias 16 e 17 não se realizaram por motivo do grande temporal que assolou toda a região, tornando-se impossível a saída dos barcos para o mar.

Jambori no Ar

A fim de poder tomar parte no XVI «JAMBORI do AR», foi gentilmente posto à disposição deste Grupo o posto CR7WL, pertença do radioamador desta cidade sr. Estanqueiro, grande amigo do Grupo.

As operações de contacto foram dirigidas pelo Chefe Alberto, antigo escoteiro do Grupo N.º 17, do Porto, actualmente aqui residente e inscrito neste grupo, coadjuvado por mais 8 escoteiros que actuaram nos dias 21 e 22 de Outubro, conseguindo obter 28 contactos, assim distribuídos: Angola, 7; Rodésia, 6; África do Sul, 5; Sudoeste Africano, 3; Quénia, 2; Holanda, 1; S. Tomé, 1 e Continente, 1.

Foram distribuídos a todos os escoteiros que colaboraram neste Jambori do Ar, cartões alusivos.

Grupo n.º 51 — BEIRA

Inauguração da sede

No passado dia 13 de Abril, foi inaugurada a nova sede do Grupo 51 dos Escoteiros de Portugal, na Beira, acontecimento que ficará memorável para todos quantos ao Escotismo dedicam um pouco de amor. A concretização de tão almejado sonho só foi possível em virtude do interesse e carinho pelo «51» da parte da Direcção e da Comissão de Patrocínio, quer ainda de todos os membros da unidade e uma grande gama de simpatizantes e amigos, cujo interesse e entusiasmo se manifestou desde as primeiras horas.

Cerca das 14 horas, começaram a chegar ao local as autoridades, famílias dos escoteiros, escoteiros e escutas dos vários grupos da região, e ainda muitos comerciantes e industriais que contribuíram para a construção da desta tão importante obra que custou cerca de 600 contos, podendo considerar-se uma das melhores de todo o espaço sob a bandeira portuguesa.

A festa principiou pelo Compromisso de Honra de Escoteiros e Guias, bem como a Promessa de Lobitos e Avezinhas, num total de 36 novos membros, e ainda de um chefe instrutor de vela e da Chefe de Alcateia, cerimónias comentadas pelo chefe do Grupo Bandeira Rodrigues. Foram também entregues insígnias e impostas condecorações a elementos que se distinguiram no apoio ao empreendimento e ainda diplomas de agradecimento a todas as firmas que contribuíram para as obras de construção.

O presidente da Direcção do Grupo, sr. dr. Alves Martins, agradeceu a presença de todas as autoridades e amigos do grupo, tendo feito uma breve resenha da história do «51», inaugurado em 18 de Maio do ano passado, numa garagem particular em Macuti e que, graças à boa vontade e esforço de todos, conseguira o progresso que estava patente.

Descerramento de uma lápida

A antiga guia e dirigente sr.ª D. Maria Teresa M. de Sousa Jardim, foi convidada a descerrar uma lápida de homenagem a todos que ajudaram a construir a sede, tendo gravados os seus nomes, bem como da direcção, comissão de patrocínio e membros do activo, desde as avezinhas aos dirigentes, num total de mais de uma centena de nomes. Procedeu-se depois ao baptismo das embarcações de vela, duas oferecidas pelo Governador-Geral e outra pelo Governador do Distrito. O Grupo dispõe de uma dúzia de tripulações, que têm já obtido classificações honrosas nas provas em que têm participado.

Terminadas estas cerimónias, o sr. Serras Frazão, representante do Governador do Distrito, desfez o nó direito que vedava a entrada na sede, ficando assim inaugurada a «Casa dos Escoteiros de Macuti, do Grupo 51 da A. E. P.».

Características da sede

A sede dispõe de um salão bastante vasto destinado a ginástica e judo, com o respectivo equipamento, sala em que estão instalados os cantos de patrulha. Três salas para a direcção, chefia e Guias. Arrecadação, duas casas de banho com chuveiros, lavabos, etc. A sala da Alcateia, que tem quatro bandos. Em anexo, encontra-se uma sala com sete metros de comprimento para arrecadação dos barcos, uma oficina, servindo ainda para a Secção das Avezinhas, que a ornamentaram a seu gosto. Possui ainda uma sala para acolher qualquer escoteiro que não venha preparado para acampar.

Acampamento

Integrado nas comemorações de inauguração da sede, realizou-se de 8 a 13 de Abril um grande acampamento em que tomaram parte todos os elementos do grupo e ainda do grupo do Dondo. No último dia, efectuou-se um grande Fogo de Conselho, em que participaram todos os grupos dos Escoteiros de Portugal na Beira e ainda alguns agrupamentos do C. N. E. O programa desenvolveu-se no mais belo ambiente de camaradagem, com a participação de todas as unidades. A numerosa assistência ovacionou com alegria os escoteiros. A fogueira foi acesa pela sr.ª D. Maria Teresa Jardim, fiel ao lema de *uma vez escoteiro, sempre escoteiro.*

A. R. Horta

FIGUEIRA DA FOZ

O Grupo n.º 30 dos Escoteiros de Portugal publica o boletim «Bê Pê»

O novo Grupo da Figueira da Foz está revelando uma actividade interessante, que se manifesta em diversos campos. Acaba agora de editar o seu boletim com o título «Jornal Bê Pê», copiografado, mas com 14 páginas e capa, ilustrado com sugestivos desenhos, que insere noticiário da actividade do Grupo, extractos do «Escotismo para Rapazes», artigos e distracções. Parabéns à rapaziada do Grupo 30.

Casamento

Em 10 de Março, realizou-se na Igreja Evangélica Figueirense o casamento da sr.ª D Isabel Alice Almeida da Silva, chefe da alcateia, com o sr. Carlos Alberto Pedro Coelho, chefe ajudante do Grupo 30. Ao acto assistiram, entre muitos amigos dos noivos, o sr. Arnaldo Couto, chefe regional do Norte, e sua esposa.

«Sempre Pronto» apresenta cumprimentos de felicitações aos noivos.

DIA DO ESCOTEIRO

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal comemorou o dia 23 de Abril

No Domingo anterior, realizou-se em Lisboa, na Igreja Presbiteriana da Rua Febo Moniz, um serviço religioso de acção graças. No templo, além da assistência habitual, viam-se diversos antigos escoteiros e representantes da Direcção da Fraternal. Em nome desta, saudou a Igreja local o nosso director, que leu as passagens bíblicas.

rano do Escotismo Português Rev. Eduardo Moreira, que se referiu ao significado, tendo tecido considerações acerca do texto bíblico, falando sobre construções e construtores.

No Parque de Escotismo da Caparica semearam-se «Uvas-do-Japão» oferecidas pelos Antigos Escoteiros do Brasil

No Domingo, dia 27, no Parque de Escotismo da Caparica, realizou-se um almoço de diversos antigos escoteiros, com a presença do chefe do parque sr. Eduardo Xavier, srs. Otelo de Sousa e Domingos de Sousa, da equipa do parque; Ernesto Clímaco do Nascimento e Fausto Sacadura, da direcção da Fraternal, e o director e director adjunto de «Sempre Pronto», bem como pessoas de família. Durante a tarde, surgiram muitos outros companheiros, que se associaram à actividade e só foi pena que o mau estado do tempo tivesse impedido muitos outros de comparecer.

A cerimónia de lançar à terra as sementes de «Uva-do-Japão» oferecidas pelos nossos camaradas «antigos» do Brasil foi acompanhada com muito entusiasmo. Os nossos irmãos do Brasil estão promovendo uma campanha que denominam «Festival da Enxada». Integrado nessa iniciativa, mandaram-nos algumas sementes dizendo: *Aproveitamos para juntar umas poucas sementes de Uva-do-Japão (Hovênia Dulcis), árvore de bonito porte e rápido crescimento, além de produzir boa madeira e saborosos frutos (que, na verdade, não são frutos e sim* peciolos carnudos. *É a maneira de os encontrarmos associados ao nosso Festival da Enxada e, se não houver interesse em plantar, que sejam guardadas como recordação dos ANTIGOS do Brasil.*

Pois as sementes foram lançadas à terra e se crescerem serão mais agradável lembrança.

O Grupo n.º 22 do Cacém, promoveu a emissão pelos C. T. T. de um carimbo postal comemorativo do Dia de S. Jorge

No dia 23 de Abril, os Correios puseram a funcionar, no quartel dos Bombeiros Voluntários do Cacém, um posto, que esteve aberto durante as horas normais de expediente e no qual era aposto na correspondência um carimbo oficial comemorativo do Dia de S. Jorge. Entretanto, o Grupo 22 emitiu um sobrescrito comemorativo, com gravura alusiva à lenda da morte do dragão.

O Escotismo e o momento político

Continuação da pág 1

abertos fora das fileiras. Mas se o Escotismo é um movimento eminentemente patriótico e visa a formação cívica da juventude, ao voltarmos uma página importantíssima da nossa História, é dever do Escotismo Português saudar com sinceridade o movimento que restabeleceu as liberdades cívicas na nossa Pátria e se propõe devolver ao povo português a sua dignidade. Cumpre-nos ainda colaborar em toda acção que vise restabelecer o convívio entre todos os Portugueses e o respeito pela vida humana.

A nossa qualidade de Escoteiros inibe-nos de alimentar ódios, manter ressentimentos, mas não podemos ocultar a nossa profunda tristeza e sentido desgosto pelo espírito de violência, fomentador de injustiças e de atentados à dignidade do Homem, que proliferou no anterior regime, método afinal que sempre condenámos nestas colunas na medida em que isso nos era então possível.

Mas a hora é também de grande responsabilidade para nós, dirigentes escoteiros. Atravessámos um período de quarenta anos em que o Escotismo foi a custo tolerado, mesmo perseguido na década de trinta; relegado para as páginas da imprensa comprometida; ignorado; esquecido. Isso serviu também para relevar deficiências, incapacidades, mediocridades. Hoje, com a extinção da Mocidade Portuguesa, abrem-se ao Escotismo oportunidades magníficas na educação da juventude. O nosso dever cívico exige que respondamos com eficiência à nossa responsabilidade. Se o dever de neutralidade afasta o Escotismo do partidarismo político, não o isenta da responsabilidade em participar no ressurgimento da Pátria e na sua dignificação. Como esclarece no citado artigo o Prof. Dória: Política, na sua mais nobre acepção, é uma das mais vivas realidades, porque dela depende em última análise a felicidade dum povo e, portanto, a de cada cidadão. Arredada para sempre a noção grosseira que elevada percentagem de portugueses ainda tem do significado do termo, há que considerar essa realidade com serenidade e de frente como aconselha Laszlo Nagy, na mesma linha de rumo que o Fundador traçou, ao escrever: «O teu melhor patriotismo é ajudares a elevar a eficiência da tua pátria para ela poder ocupar o seu lugar no concerto das nações e do mundo».

O nosso grande dever no momento presente não será associarmo-nos a manifestações, nem gritar vivas, mas passar à acção para que cada vez maior número de rapazes portugueses possa realizar a sua formação cívica através do Escotismo. É ainda Álvaro Dória quem escreve: Há, pois, que preparar conscientemente cada escoteiro para vir a tornar-se um cidadão exemplar, pelo menos um homem consciente dos direitos e dos deveres que implica a cidadania, e tal missão cabe aos Chefes, que, como tantas vezes tenho escrito, não podem mais ser meros utentes de um uniforme com direito à saudação, mas têm, sim, e acima de tudo, de «cumprir a Lei do Escotismo em todos os seus actos» para que «os rapazes aceitem a sua orientação» como escreveu B.-P. (...) Acima de tudo terão, ainda, adquirido uma certeza, a mais reconfortante, a mais bela das certezas: a de prepararem os seus jovens camaradas para o desempenho dos seus futuros deveres de cidadãos, e, assim contribuírem para pôr termo aos defeitos históricos dos portugueses e criarem um Portugal Maior, que não será nem deve ser um Portugal de pensamento arcaico, mas uma Pátria rejuvenescida e fortalecida pela força do carácter dos seus filhos.

Propositadamente fomos buscar às colunas de «Sempre Pronto», que vieram a lume há cinco anos, as linhas de rumo que oferecemos à reflexão dos Chefes Escoteiros Portugueses. Que, na sua meditação, todos possam encontrar o equilíbrio entre a neutralidade política do Escotismo e a Política que se impõe ao movimento realizar.

A homilia esteve a cargo do vete-

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro

As novas perspectivas com que se nos depara o futuro de Portugal trazem a nós, escoteiros, responsabilidades a que não podemos, de modo algum, ficar alheios.

O Portugal diferente que ora se está a construir não pode ser apenas trabalhado por adultos. Também aos mais novos cabe parte da tarefa; também os mais novos têm que lutar para se firmarem convenientemente na sociedade de que hoje usufruímos.

Mais que nunca, precisamos de estar «Sempre Prontos».

A divisa do escoteiro vai, de agora em diante, adquirir um significado mais forte, mais profundo.

Estar preparado para todas as eventualidades é o máximo que se pode exigir a um rapaz. Temos pois que nos preparar para «estar preparados» ou «Sempre Prontos».

A Lei do Escoteiro abre-nos caminhos que são absolutamente essenciais para o trato humano que devemos ter para com todos aqueles que se integraram no Portugal de hoje.

A disciplina, a cortesia, a verdade, a lealdade, o auxílio ao próximo, devem ser marcos firmes na tua consciência de escoteiro.

Apelo pois para que hoje mesmo renoves a tua Promessa escoteira:

Prometo pela minha Honra:

— Amar e servir fielmente a Deus e a Pátria;

— Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;

— Obedecer à Lei do Escotismo.

. . . e também para meditares nos artigos da tua Lei.

1.° — O Escoteiro é verdadeiro; a sua palavra é sagrada;

2.° — O Escoteiro é leal;

3.° — O Escoteiro é prestável e auxilia o seu semelhante;

4.° — O Escoteiro é amigo de todos e todos os escoteiros são seus irmãos;

5.° — O Escoteiro é cortês;

6.° — O Escoteiro é bom para os animais e plantas;

7.° — O Escoteiro é obediente e disciplinado;

8.° — O Escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades;

9.° — O Escoteiro é económico, sóbrio e respeitador do bem de outrem;

10.° — O Escoteiro é puro no pensamento, nas palavras e nas acções.

Recebe um abraço do

IRMÃO ESCOTEIRO

Uma palavra de B.-P.

B.-P. está presente em «força» no momento histórico que agora atravessamos. As palavras que escreveu no «Escotismo para Rapazes» em 1907 têm um eco oportuníssimo no coração dos jovens portugueses de hoje.

Meditemos profundamente no que a seguir transcrevemos e saibamos tirar das indicações do Fundador o nosso melhor proveito.

Amor da Pátria

A minha Pátria e a vossa Pátria não nasceram do nada. Foram feitas por homens e mulheres à custa de muito trabalho e rijos combates, muitas vezes com sacrifício da própria vida — ou seja, com patriotismo ardente.

Em tudo o que fizerdes, pensai na vossa Pátria. Não gasteis todo o vosso tempo e dinheiro apenas em vos divertirdes, mas pensai primeiro como podereis contribuir para o bem comum. Depois de assim fazerdes, podeis com razão e honestamente divertir-vos como entenderdes.

Talvez não vejais bem como um simples rapazinho poderá ser útil à Pátria, mas alistando-se nos escoteiros e cumprindo a Lei escotista todos os rapazes podem ser úteis.

«A Pátria acima de mim», deve ser a vossa divisa.

Provavelmente, se vos interrogardes sinceramente, verificareis que as coisas para vós são precisamente ao contrário. Se assim for, espero que, de hoje em diante, tomareis a devida atitude e nela permanecereis para sempre. Não vos contenteis, como os romanos e como alguns povos da actualidade, com pagar a outros que joguem por vós ou combatam os vossos combates. Fazei vós alguma coisa para manter a vossa bandeira ao alto.

Se vos entregardes ao escotismo com tais disposições, haveis de fazer alguma coisa. Entregai-vos a ele não somente porque é divertido, mas porque por meio dele estareis a preparar-vos para serdes bons cidadãos, não só do vosso país mas também do mundo inteiro.

E então tereis em vós o mais genuíno espírito patriótico, que todo o rapaz deve possuir, se ele valer alguma coisa.

Quais são as figuras do Monumento dos Descobrimentos?

Quem tenha visitado, em Belém, o belíssimo Monumento dos Descobrimentos, admirou certamente o magnífico conjunto de figuras que, com a do Infante D. Henrique à frente, ladeiam, na base, a nascente e a poente, o monumento. Os mais curiosos ou os de maior poder de observação já terão perguntado, com certeza, quais são os personagens que essas figuras representam. O jornal O Educador *satisfaz essa curiosidade, publicando uma memória descritiva da autoria do Mestre Leopoldo de Almeida, autor do formoso grupo escultórico, já que a concepção arquitectónica se deve ao malogrado arquitecto Cottinelli Telmo.*

Eis um pequeno apontamento sobre as identidades das 33 figuras ali representadas Para o efeito, começaremos pela primeira figura da base do lado voltado a nascente e, subindo até à figura do Infante, desceremos, pelo lado poente, até à última figura desse lado:

CRISTÓVÃO DA GAMA: filho de Vasco da Gama, nasceu em Évora em 1516 (?) e morreu em 1542, prisioneiro de forças inimigas, na Abissínia, quando acorria em socorro do Preste João. Militar intemerato e grande aventureiro do Oriente. Sempre Pronto *publicou, nos seus n.os 95 e 96, um apontamento biográfico deste heróico capitão.*

S. FRANCISCO XAVIER: Jesuíta espanhol, nasceu em 1506, em Javier (Pamplona). Dedicou-se à vida missionária, dirige-se a Goa, onde se fixa. Faz viagens a Malaca, às Molucas, Japão e China.

AFONSO DE ALBUQUERQUE: nasceu em 1445 (?) perto de Alhandra. Grande capitão, conquistador da Índia, de que foi governador. A mais notável figura guerreira da nossa História. Camões cognominou-o o Terríbil. *Morreu em 1515*

ANTÓNIO DE ABREU: natural da ilha da Madeira. Serviu na Índia sob as ordens de Albuquerque e comandou uma expedição às Molucas. Atribui-se-lhe o descobrimento da Austrália. Capitão-mor de Malaca. Grande navegador e aventureiro.

DIOGO CÃO: grande navegador, explorou a costa africana, tendo descoberto a foz do Zaire. Iniciou as relações dos Portugueses com o Reino do Congo. Seguindo para sul, descobriu toda a costa de Angola e atingiu a Serra «Parda», já no que é hoje o Sudoeste Africano.

BARTOLOMEU DIAS: um dos nossos mais célebres navegadores, pois foi o primeiro que dobrou o «Cabo das Tormentas», como ele denominou o Cabo da Boa Esperança, um dos pontos mais meridionais da África, fundamental para o descobrimento do caminho marítimo para a Índia Regressado à Metrópole, tomou parte no descobrimento do Brasil, comandando uma das naus da armada de Cabral. Morreu no naufrágio dessa nau, quando a esquadra demandandava o Cabo da Boa Esperança (1500).

ESTÊVÃO DA GAMA: também filho de Vasco da Gama. Capitão de Malaca e governador da Índia. Mais tarde, exilou-se em Veneza. Regressado ao Reino, foi governador de Lisboa. Morreu em 1575.

JOÃO DE BARROS: notável historiador e moralista da era de Quinhentos. Natural de Viseu (?), nasceu em 1496. Foi o autor das crónicas das viagens dos descobridores portugueses e dos seus feitos no Oriente, as chamadas Décadas da Ásia. *É também autor de uma* Gramática *da nossa língua. Morreu em 1570.*

MARTIM AFONSO DE SOUSA: navegador e militar, chefiou uma expedição para reconhecer e tomar posse da costa brasileira. Estudou então o povoamento do Brasil. Nomeado capitão-mor dos mares da Índia, para ali segue. Mais tarde é nomeado governador daqueles territórios do Oriente. Morre em Lisboa em 1570.

GASPAR CORTE REAL: nasceu em 1450. De uma família de grandes navegadores, fez à volta do ano 1500 três viagens no Atlântico Setentrional, explorando a Gronelândia, Terra Nova e Labrador. Gago Coutinho supõe que ele também tenha estado na Florida. Desapareceu durante a terceira expedição.

(Continua)

CLUBES DE CAMPO

ACM

OS CLUBES DE CAMPO DA A. C. M.

UMA ARROJADA INICIATIVA EM PLENO DESENVOLVIMENTO

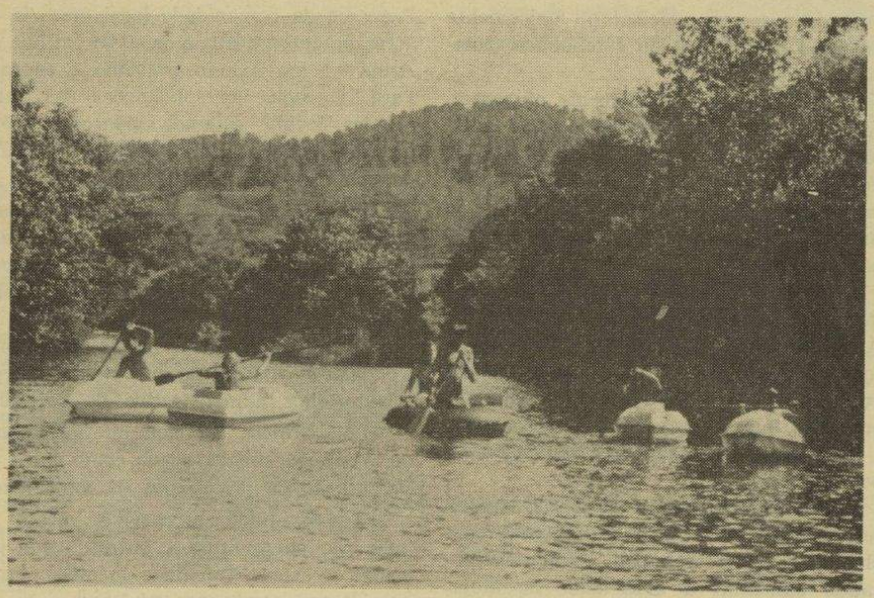
A concepção portuguesa dos clubes de campo é uma novidade e não só em Portugal

— diz-nos Pena Ribeiro, Presidente da Comissão Administrativa deste Movimento



Pena Ribeiro fala à reportagem de «Sempre Pronto»

Os clubes de Campo da ACM são hoje uma realidade que se impõe à consideração de todos aqueles que se interessam pelos movimentos que procuram estabelecer a harmonia entre o homem e a natureza e a expansão que esta obra está atingindo entre nós não pode deixar de interessar a «Sempre Pronto», que sempre tem visto na ACM um movimento de profundo valor educativo.



Praia fluvial formada por açude de modo a permitir uma água sem demasiada corrente e uma altura suficieate sem provocar perigo para as crianças

Resolvemos, por isso, procurar o presidente da Comissão Administrativa dos Clubes de Campo que para mais, é elemento escoteiro. Trata-se do escoteiro chefe ECIM Sr. José Eduardo Pena Ribeiro, grande impulsionador desta arrojada iniciativa, que imediatamente e com entusiasmo se prontificou a falar-nos das realizações já promovidas e dos projectos em vias de concretização do referido movimento. E sem lhe dar tempo a grande reflexão, logo disparámos a primeira pergunta:

O que é a A. C. M.

— Podes dizer o que significa e o que tem em vista o movimento dos Clubes de Campo da ACM?

— Parece-me que o melhor — replicou — será referir o que é a ACM (Associação Cristã da Mocidade).

«A ACM, tradução portuguesa do YMCA (*Young Men Christian Association*), fundada em Londres em 1844 por *Sir* George William, foi introduzida em Portugal em 1894 com a fundação da ACM do Porto. Portanto, é uma organização internacional, que procura em cada país, de forma independente, promover a formação de jovens através de uma cultura íntegra, e baseando-se na experiência adquirida, fomenta e promove programas de actividades, e dinamiza o intercâmbio internacional.

«Para dar uma ideia da dimensão internacional da ACM, deverá dizer-se que está estabelecida em 82 países, possui cerca de dez mil sedes, com uma população de catorze milhões e meio de associados, com mais de um milhar de clubes de campo e hotéis.

— Mas os membros de uma associação nacional têm direio a usufruir dessas instalações existentes noutros países?

— Se esse direito não existisse não se poderia falar de uma organização internacional, pois seriam meras associações nacionais. Basta apresentar o cartão de associado da ACM para que lhe sejam conferidos os mesmos direitos dos associados desse país, respeitando os regulamentos internos de cada uma delas.

Clubes de Campo — Uma novidade!

— No entanto, os clubes de Campo são uma iniciativa recente no nosso país, não é verdade?

— A concepção portuguesa de Clubes de Campo é uma novidade não só em Portugal como nos outros países. Os Clubes existentes no estrangeiro foram organizados com recursos de cada país, tendo única e quase exclusivamente em vista promover acampamentos e um trabalho dedicado à juventude. Por conseguinte, as instalações que possuem não são com in-

Continua na pág. 6

fra-estruturas idênticas às nossas, mantendo-se no entanto as estruturas bastante semelhantes.

«Em Portugal, a ideia dos Clubes de Campo nasceu em 1970 como projecto da Aliança Nacional das ACM, de modo a permitir ao movimento português uma expansão rápida e conseguir recursos financeiros para suporte dessa promissora expansão.

— E qual foi o primeiro passo para concretizar a ideia, já que entre nós os recursos são quase sempre exíguos para obras deste género? — inquirimos:

— O facto que deu origem à expansão dos Clubes de Campo ACM não foi o aspecto financeiro. O segredo do êxito esteve na equipa que o então Secretário-Geral Nacional, Professor Erasmo Chaves, reuniu em sua volta. Essa equipa teve como primeira preocupação projectar em moldes modernos o movimento «acemista». Nasceu, então, a ideia de criar uma cadeia de Clubes de Campo, que permitisse proporcionar aos nossos associados e seus familiares condições ideais para gozo de férias, preocupando-se em criar um clima propício a uma melhor forma de convívio e relacionamento humanos. Para atingir esse fim, procurou-se interessar um pré-determinado número de famílias que financiariam esse projecto.

«Hoje, os Clubes de Campo tomaram uma dimensão que ultrapassou esse objectivo primário, que continua inteiramente válido».

Pena Ribeiro, entusiasmado, discorre fluentemente sobre a iniciativa em curso e, fazendo breve pausa, logo continua:

«Com a inauguração do primeiro Clube de Campo em Junho de 1972, em Foz do Arouce, junto à Lousã, nas formosas margens do Rio Ceira, aproveitando um local arborizado, imediatamente, após ser posto em funcionamento, se verificou quão importante seria o trabalho «acemista» junto à comunidade local. Graças às instalações ali construídas, começámos a ser procurados para atender programas doutras ACM mundiais e também de associações nacionais cujos objectivos são paralelos aos nossos.

Primeira etapa — O Clube de Campo da Foz do Arouce

Chegados a este ponto da entrevista, parecia-nos de interesse esclarecer o que efectivamente constitui o Clube de Campo de Foz do Arouce. Aproveitámos, por isso, uma pausa e inquirimos:

— Mas de que instalações dispõe o Campo de Foz do Arouce?

— A ACM de Coimbra tinha adquirido há relativamente pouco tempo, em condições extremamente generosas por parte do proprietário, Sr. Conde de Foz do Arouce, um terreno com uma área de 50 000 m².

«Quando pretendemos iniciar o nosso projecto, a Direcção da ACM de Coimbra imediatamente pôs o terreno à nossa disposição para a construção do nosso primeiro clube de campo. Temos ali instaladas vinte vivendas, possuindo cada uma delas um quarto de casal, uma sala comum, com o objectivo de acomodar os filhos do casal, com pequena cozinha e casa de banho. Essas casas estão mobiladas com simplicidade e bom gosto, possuindo aquecimento, águas frias e quentes.

«Existe ainda um amplo restaurante, com capacidade para servir 120 pessoas simultaneamente, sendo a cozinha apetrechada com moderno e completo equipamento. Dispomos de uma confortável sala de convívio, parque infantil, 2 cortes de ténis, uma quadra polivalente desportiva, permitindo disputar simultaneamente um jogo de basquete e outro de voleibol ou unicamente um jogo de andebol ou futebolinca (futebol género salão).

«O Campo está devidamente preparado com parque de estacionamento, bons acessos, parques de relva e jardins, praia fluvial formada por açude de modo a permitir uma água sem demasiada corrente e uma altura suficiente sem provocar perigo para as crianças.

Possuímos também barcos, material desportivo e equipamento de distracção. A grande vitória de Foz do Arouce é que todos quantos nos visitam se entusiasmam com a obra realizada e, cativados pelo ambiente, logo se propõem para associados.

— E está terminada esta instalação? — perguntámos.

— No aspecto clube de férias familiares, podemos dizer que se encontra concluída, na sua fase inicial. Vamos, no entanto, aumentar a capacidade de alojamento com mais dez vivendas, o que nos levará a aumentar o espaço de convívio e de restaurante.

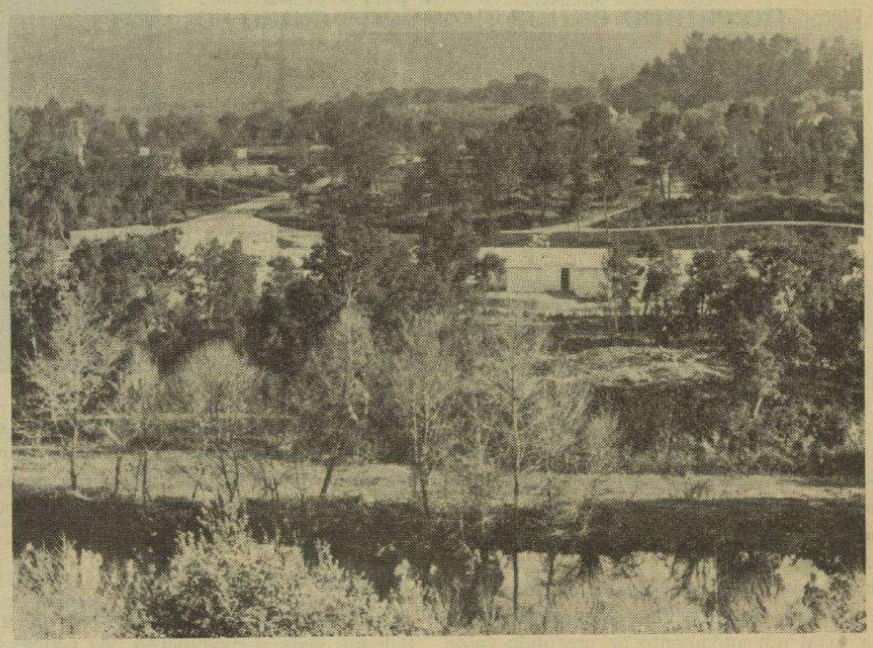
«Os novos projectos encontram-se quase concluídos, pelo que oportunamente iniciaremos a construção».

Devemos reconhecer, pelo que acabamos de escutar, que o Campo de Foz do Arouce é uma interessante realidade e oferece oportunidade de agradáveis férias aos associados dos Clubes de Campo.

Uma «Aldeia Juvenil» na Foz do Arouce

Mas Pena Ribeiro não tinha terminado a sua exposição e já continuava:

— Falta ainda iniciar a fase da Aldeia Juvenil, que consta de dois blocos residenciais com capacidade para cerca de 70 camas, com infra-estruturas para programas de intercâmbio nacional e internacional de adolescentes e jovens, e campos de trabalho. Neste conjunto será integrado um pavilhão polivalente, de modo a permitir actividades com a comunidade local.



O Clube de Campo da Foz do Arouce (vista parcial)

E acerca da comunidade local gostaria de acrescentar: o prestígio da ACM em Foz do Arouce e em todo o concelho é enorme. Para responder às solicitações das autoridades locais, estamos planeando abrir uma ACM na Lousã, apoiada pelo Clube de Campo e pela ACM de Coimbra.

«Hoje, dentro da comunidade, realizam-se já bastantes actividades que atraem o povo local. Não posso esquecer de modo algum a colaboração que o pároco, presidente da Comissão de Patrocínio do Clube de Campo, nos dispensa, bem como o Senhor Presidente da Junta de Freguesia e autoridade administrativa do concelho.

«Colaborámos também no lançamento da operação minibasquete como local de preparação de professores da modalidade.

«Temos ainda promovido cursos de culinária, puericultura e outros, como iniciação à arte e trabalhos manuais, tanto para jovens como para adultos».

— Mas tratando-se de Clubes de Campo, parece-nos que esta seria apenas uma das realizações e que, certamente, outros projectos estariam previstos para locais diferentes. Não será assim? — interrogámos:

— Nem de outro modo se compreenderia o projecto há pouco referido. Podemos oferecer neste momento aos utentes dos Clubes de Campo duas opções. A primeira,

é Foz do Arouce; a outra hipótese é na praia, graças a um acordo firmado com o Centro Ecuménico da Figuera da Foz, do qual a Aliança Nacional da ACM é entidade fundadora e com o qual tem mantido sempre a melhor colaboração. Por um período de cinco anos, prorrogáveis, o mês de Setembro ficou à disposição dos Clubes de Campo para utilização dos seus membros.

Um novo Clube na Serra da Estrela

«Vamos dar início às operações de um novo campo na Serra da Estrela. Mercê do esforço e colaboração do Rotary Club da Covilhã, que desde os primeiros passos da nossa iniciativa se associou ao empreendimento, conseguiu-se um terreno excelentemente localizado na Serra da Estrela, cerca das pistas de Piornos, dispondo de uma paisagem paradisíaca, onde vamos brevemente construir uma pousada, tipo motel. Temos recebido da parte do senhor Presidente da Câmara da Covilhã um apoio que muito vai contribuir para uma mais rápida instalação. Fizemos já deslocar à Covilhã um dos nossos mais entusiastas directores executivos, o Sr. Dr. Francisco Ramos, que simultaneamente irá desenvolver a ACM da Covilhã.»

E o nosso interlocutor, sem esperar nova pergunta, prossegue com contagiante optimismo:

Mais Clubes de Campo em projecto

— O nosso Departamento de Expansão, encontra-se já a estudar dois projectos para a instalação doutro Clube de Campo no Algarve, que consideramos fundamental dentro da nossa conjuntura de cadeias de Clubes de Campo. Julgo que dentro de dois meses algo de concreto poderei acrescentar a esta informação.

«Além do Clube do Algarve, temos uma proposta muito simpática para a criação de um Clube de Campo em Valdozende, na barragem da Caniçada, paradisíaca paisagem do Gerês.

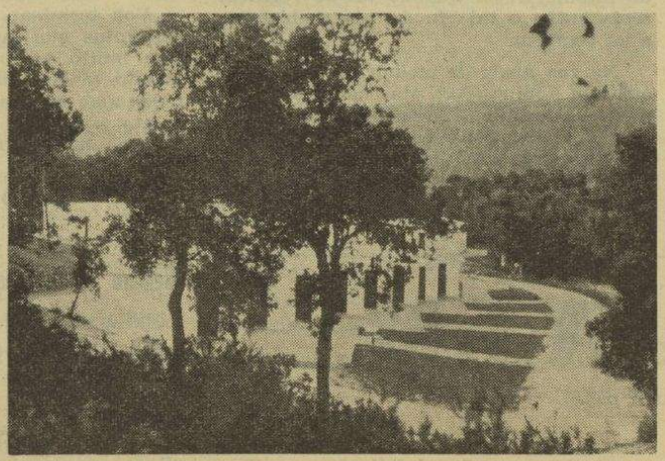
«Temos ainda outras hipóteses e propostas em mãos, mas ainda numa fase inicial de estudo, pelo que seria prematuro a elas me referir».

— Gostaria de saber em que modalidades os Clubes de Campo nacionais se inserem ou podem inserir no quadro internacional das ACM:

— Em virtude da dimensão da ACM — YMCA — seria impossível dizer aqui quais as hipóteses existentes de utilização de outros campos. Gostaria, no entanto, de referir que a YMCA de Espanha acaba de adquirir um hotel em Málaga. Por conseguinte, é mais uma hipótese de utilização a poucos quilómetros de distância.

«Os Clubes de Campo possuem um Departamento de Turismo, apoiado numa agência internacional de viagens, que está à disposição dos utentes dos Clubes de Campo e de todos os nossos associados para os esclarecer e apoiar em todas as suas necessidades neste ramo.

«Este Departamento é um serviço que graciosamente é prestado não só para problemas relacionados com os Clubes de Campo, como todos os problemas pessoais e profissionais de viagens dos membros das ACM».



...Temos ali instaladas vinte vivendas...

E o nosso entrevistado termina com evidente entusiasmo:

— Eis meu amigo, o panorama que a obra dos Clubes de Campo oferece neste momento, bastante aliciante para merecer a simpatia e interesse de todos aqueles que desejem colaborar e integrar-se numa obra que visa reconciliar o homem com a natureza em bom convívio com o seu semelhante. Muito haveria ainda para dizer, mesmo no campo das realizações internacionais. Basta acrescentar que a Aliança Nacional Portuguesa e a Federação Brasileira das ACM propõem-se realizar em conjunto, um vasto programa de intercâmbio, que iremos iniciar em Julho próximo com dois voos «charters», que levarão 150 acemistas portugueses ao Brasil e teremos o prazer de acolher outros tantos brasileiros entre nós.

«Como «Sempre Pronto» se ofereceu para colaborar connosco como vínculo de informação junto aos nossos associados, teremos oportunidade de, numa base mensal, transmitir mais pormenores e actualizarmos informações acerca de desenvolvimentos das nossas iniciativas».

Agradecemos a Pena Ribeiro as suas declarações tão entusiasticamente confiadas a «Sempre Pronto» e assegurámos-lhe, ao despedirmo-nos, a colaboração do nosso jornal, já que um movimento desta natureza, com objectivos tão paralelos às finalidades do Escotismo, não pode senão merecer o interesse do nosso jornal.

E. R.

Temos ainda promovido cursos (..) como iniciação à arte de trabalhos manuais →



Uma das iniciativas dos Clubes de Campo — A. C. M. é o intercâmbio cultural Portugal / Brasil. Para este ano, está programada uma viagem em cada sentido, nas seguintes condições:

1. Calendário de voos

1.1 — Em 1974 operaremos com um único voo entre Portugal e Brasil nas seguintes datas:

Lisboa/Rio, em 2 de Julho de 1974.
Rio/Lisboa, em 3 de Agosto de 1974.
Total de dias: 32 (inclusive).

1.2 — Estes serviços serão operados por modernos aviões Boeing-707 da Varig, com capacidade para 155 participantes.

2. Preços

2.1 — Em face da actual crise energética, fomos forçados a introduzir uma alteração no preço anteriormente previsto e reativamente ao percurso aéreo.

Como tal, passam a estar em vigor os seguintes valores:

— adultos, 11 300$00; crianças até 2 anos, viajando ao colo, 1 130$00; crianças com 2 anos completos e 8 incompletos, 5 650$00; crianças com mais de 8 anos, Tarifa de adulto.

2.2 — O preço inclui:

passagem aérea Lisboa / Rio / Lisboa; taxa de 3 % de imposto do selo; transporte gratuito de 20 kg de bagagem; refeições a bordo; assistência por pessoal habilitado.

2.3 — O preço não inclui:

Continua na pág. 8



O Natal e os homens

No n.º 344, de Dezembro último, do nosso Mensário, é feita a pergunta: «Até quando Amigo Leitor?» a propósito da passagem em que se diz que «...os nossos trinetos estudarão, certamente, que o Mundo esteve em Paz depois da II Guerra Mundial até...».

Como todas as perguntas têm resposta e eu sou um dos modestos leitores a quem o autor se dirige, procuro nas linhas seguintes responder-lhe. Antes, porém, quero pedir desculpa ao autor se erro nas minhas conclusões e no tratamento que uso de tu, este por ser mais fácil e digno entre escoteiros e também por me parecer que ele, autor, deve ser um jovem, comparando a sua com a minha idade.

Entrando na resposta, permite-me também que pergunte: Meu caro Amigo, alguma vez houve verdadeira paz entre os homens, mesmo anteriormente à II Grande Guerra? Mesmo antes do Homem Nazareno, a que te referes, ter aparecido na Terra?

Quando atravessei a mesma fase da vida — a adolescência — pois também desejaria que todos os dias do ano fossem Dia de Natal. Hoje, já adulto e bem entrado na idade, reconheço ser impossível tal desejo ver ralizado: mas se compararmos a vida de hoje com a de há 1974 anos, quanta diferença não se verifica? Já pensaste nisso? Se já, certamente concluíste o grande progresso obtido pelo homem-animal sobre a matéria de que é constituído. Sim. Sobre a matéria que lhe dá forma. A matéria que o arrasta para tudo quanto ao Nazareno pode desagradar e o espírito a ela ligado que um dia se há-de aproximar tanto de Deus que a Ele só pertencerá. Tal qual como Jesus, filho de Deus, nós seremos um dia, pois que somos também filhos do mesmo Deus. Quando tal se verificar terás então o tal Mundo que ambicionas e eu também.

Na tua ânsia de melhor, dirás, talvez, que isso é impossível. Mas não desanimes, meu caro amigo. Procede tu como me parece a tua consciência te aconselhar. Em todos os actos da tua vida, tu podes — E DEVES — lutar para que entre os homens a vida se modifique. Como? perguntarás. Seguindo a doutrina do Nazareno, amando o semelhante como a nós mesmos; vivendo, mas com alma, para a Caridade e Amor, como Ele viveu. Só pelo Amor e Caridade, apoiados na Fé verdadeira de que amamos Deus acima de todas as coisas, o nosso semelhante como ao próprio Deus, em todas as situações, só assim conseguiremos avançar no verdadeiro caminho que nos salvará.

Como fazer então? A todo o momento, desde o emprego, a bicha para o autocarro ou para a gasolina; em todos os momentos da nossa vida; sabendo perdoar a todos os que se mostram egoístas e maus, na certeza de que eles não sabem que assim são e de que são espíritos inferiores e inconscientes desse facto. É fácil assim proceder? Claro que não. E não é porque, a cada momento, a matéria egoísta impede que o espírito progrida no bom sentido. Só vencendo a matéria, nos aperfeiçoaremos e os que o conseguem são logo cognominados, entre nós, de santos.

Vou terminar, caro amigo. De tantas perguntas que faço não espero resposta, mas muito grato ficarei se, sobre tudo quanto te digo, meditares e dessa meditação algo resultar para o teu aperfeiçoamento espiritual. Se isso acontecer, acredita na muita gratidão e na admiração do teu

VELHO LOBO DA SERRA

«Sempre Pronto» não pode desaparecer da cena escotista — afirma José Rafael Sequeira da Costa, escoteiro do Grupo 19, Lisboa, em serviço militar no Ultramar

«Recebi há dias os exemplares do «S. P.» de Janeiro a Março. Neles verifiquei com pesar que a actual situação financeira se encontrava deficiente. Que, caso não fosse encontrada a ajuda necessária, o «S. P.» encerraria. Sempre li com agrado o «S. P.», sem nunca fazer a assinatura porque o lia no Grupo. Vim para o Ultramar e resolvi fazer a assinatura e logo se me depara aquela notícia».

Sequeira da Costa faz sugestões acerca da forma de resolver o problema e termina afirmando:

«Um jornal com a tradição do «S. P.» não pode desaparecer da cena escotista».

«Despeço-me, enviando respeitosos cumprimentos ao corpo redactorial e restantes colaboradores.

«Sempre pronto a servir

a) José Sequeira
«Castor Cinzento»

Li com muito prazer o n.º 344 do «S. P.» — afirma Amaro João Pereira Barbosa, de Malange, Angola

Em carta de 5 de Abril passado, diz-nos este camarada, do Agrupamento 271 do C. N. E.:

«... também sou E. C., embora novato, porque nunca fui escotista, mas se de novo soubesse o quanto vale esta organização, tê-lo-ia sido há mais tempo.

«Durante anos pertenci às fileiras da M. P., única organização juvenil existente no meu querido Cabo Verde, donde sou natural. Por razões meramente aborrecidas, só depois de muitos anos reflecti que trilhava caminho errado, então abracei-me ao Escotismo, com muito prazer e boa vontade de trabalhar, em prol dos ideais do grande B.-P.

«Termino com um muito obrigado

a) Amaro João
E. C. do Ag. 271

CLUBES DE CAMPO A C M

Continuação da pág. 7

Os serviços em terra, que deverão ser adicionados ao custo do transporte aéreo, sempre que pretendidos; despesas de carácter pessoal.

3. Programas de terra

3.1 — Os programas previstos na América do Sul constam de folheto próprio e as condições para a sua utilização são abrangidas pela alínea «5. *Condições gerais de transporte*».

4. Inscrições e pagamentos

4.1 — As inscrições podem ser desde já efectuadas, quer através dos telefones 42185 ou 557060, quer por carta, quer ainda pessoalmente nos nossos Serviços.

4.2 — A aceitação das reservas efectuar-se-á pela ordem de entrada no nosso Departamento de Turismo, devendo os pedidos ser acompanhados de cheque ou vale de correio de Esc. 1 000$00 por passageiro.

4.3 — Satisfazendo as sugestões dadas por alguns interessados, o valor restante poderá ser pago em prestações ao critério do passageiro, devendo, contudo, estar totalmente liquidado o valor em débito até 30 dias antes do início da viagem.

5. Condições gerais de transporte

5.1 — O passageiro, ao inscrever-se em qualquer das modalidades de viagem postas à sua disposição, aceita, implicitamente, as seguintes condições (idênticas em Portugal e no Brasil):

a) Qualquer cancelamento definitivo das reservas, efectuado nos prazos abaixo indicados, anteriores à data de saída, ficarão sujeitos à retenção dos seguintes valores:

— entre 60 e 45 dias, 25 % do total;
— entre 45 e 30 dias, 50 % do total;
— entre 30 e 15 dias, 75 % do total;
— menos de 15 dias ou não comparência ao embarque, a totalidade.

b) Em caso de não realização do todo ou de parte dos programas previstos, quer por insuficiência de participantes, quer por qualquer causa alheia à vontade dos organizadores, o passageiro apenas poderá requerer o reembolso total das suas entregas sem direito a qualquer outra indemnização, ou optar pela sua inscrição noutro programa, procedendo-se aos necessários reajustamentos.

5.2 — A Aliança Nacional das ACM de Portugal, a Agência de Viagens e Turismo Wasteels-Expresso e todos os transportes, quer aéreos quer terrestres, bem como todas as entidades contratadas para a prestação de qualquer tipo de serviços, declaram que actuam como intermediários e não podem, em circunstância alguma, ser responsabilizados por perdas, danos, acidentes, furtos ou qualquer outra irregularidade fora do seu controle. O mesmo se aplica ao transporte de bagagens, pelo que se aconselha a efectivação de um seguro contra tais acidentes.

Reflexões sobre a violência

Continuação da pág. 12

João Huss perecendo na fogueira, para apenas me referir a alguns dos mais eminentes entre a hoste inumerável dos que deram a vida pela dignidade do Homem.

Foi o ódio de seita que trouxe a Europa a ferro e fogo durante um século, entre os meados do séc. XVI e os do imediato com as chamadas Guerras de Religião; igual ódio acendeu os *quemaderos* de Sevilha, de Lisboa e de Goa nessa mesma centúria fatídica; o ódio de raça fez dos Judeus, durante quase um milénio, os foragidos de todo o Mundo, tendo os nossos dias — em pleno séc. XX!... — assistido, sem o terem tentado impedir, aos morticínios sistematicamente organizados de judeus no campo de Treblinka. Em holocausto ao mito da Raça — delírio de megalómanos irresponsáveis—sacrificaram-se seis milhões de seres humanos, cujo único crime era pertencerem a um povo laborioso, mercê de cujos esforços em muitos pontos da Europa se tinha salvado a herança espiritual da Antiguidade, ameaçada de subversão sob a avalanche dos Bárbaros do Norte.

A despeito da doutrina de tantos homens e mulheres abnegados, que têm lutado e até dado a vida por amor desse ideal de fraternidade, que a Revolução Francesa inscreveu no seu lábaro, ainda hoje foi possível, é possível ver a violência campear, fria e sistematicamente preconizada como meio eficaz de vencer o adversário. E não me refiro já às violências inenarráveis da explosão do ódio ao Branco consecutiva à emancipação política de tantos povos africanos, de que o Congo ofereceu as mais horríveis páginas que hão-de horrorizar os homens do futuro.

Houve nessa explosão a libertação dum ódio irrepreso durante séculos contra o europeu, considerado o estrangeiro que se apossara daquilo que o Negro considerava seu. Ainda estruturalmente selvagem, mentalmente um primitivo, embora em muitos casos detenha diplomas conferidos por Universidades europeias, o Negro não conseguiu despir-se desse substracto anímico que lhe informa o subconsciente, ao ponto de não considerar o Branco como homem, ideal ainda hoje inacessível à grande maioria dos povos de raça negra.

Ao que eu queria referir-me era à difusão da ideia de que o atentado e o crime são lícitos na defesa de qualquer ideologia (independentemente da validez desta), doutrina (?) que deu origem à odiosa Ku-Klux-Klan, sociedade de criminosos que o Mundo espantado viu renascer em nossos dias.

Mal vai aos homens e ao Mundo quando, em vez de procurarem demonstrar a sem-razão de determinada ideologia, recorrem ao atentado para eliminarem um adversário considerado perigoso. As perseguições aos cristãos primitivos só tiveram como resultado a proliferação dos crentes, que a violência das torturas não amedrontava; a acção terrivelmente intolerante dos soldados da «Liga», durante o reinado dos últimos Valois, e a das «dragonadas» dos fins do século XVII, não puseram termo à difusão do Calvinismo em França, como a perseguição aos cristãos da China, do Japão e da Índia nos sécs. XVI e XVII não impediram as conversões em todo o Oriente. É esta uma lição que a intolerância ignora (ou despreza), mas que devia considerar antes de atirar o Mundo para uma carnificina tão horrorosa como a Segunda Guerra Mundial.

Algo está errado no Mundo e por culpa de tantos homens responsáveis. A violência, quaisquer que sejam os argumentos empregados em sua defesa, não tem qualquer justificação. Considere-se que até para com muitos animais é argumento contra-indicado. Admiti-la como *ultima ratio* na discussão de problemas humanos, é erro funesto, porque, como reacção em cadeia, acaba por se instalar nas almas simples, que a utilizarão a todo o propósito.

Se nos detivermos um pouco ante cada uma das figuras desses criminosos que enchem as páginas da História, e recorreram à violência como protesto ou para defenderem os seus ideais, talvez nos espantemos por entre eles raríssimas vezes se ter encontrado um espírito equilibrado. Regra geral trata-se de doentes mentais, de espíritos débeis, de primitivos, de psicópatas em quem a doutrinação da violência encontrou terreno favorável à sua germinação. Irresponsáveis pelos seus crimes, não é a eles que a sociedade deve pedir contas, mas àqueles que conspurcam a sua inteligência (e com ela a Inteligência *tout court*) pregando o ódio e o desforço violento.

A sociedade está doente porque um mal profundo a corrói. Se há quem preconize a sua destruição como meio de matar definitivamente os vírus que a corrompem, creio bem que não será esse o recurso indicado.

Em toda a sociedade há um grupo de pessoas que exerce, ou pode exercer constante acção clarificadora do pensamento, meio caminho andado para a reforma moral, preconizada no século passado por homens como Renan e Antero de Quental: são os intelectuais. Pela sua acção eles podem atingir mesmo o substracto da educação, sendo esta a grande chave capaz de abrir de par em par as portas do futuro.

Sem uma educação sã, racional, humana, não pode haver civilização, porque ser civilizado não é poder dispor de uma máquina para o desempenho de qualquer função, mas, antes de tudo o mais, reconhecer em cada um dos homens um Homem, maneira eficaz e directa de levar ao reconhecimento dos direitos que assistem a cada qual de ter ideias diferentes das nossas e, portanto, de vermos estas respeitadas por outrem.

Há que banir a violência da face do Mundo, para que não mais seja possível assistir-se a cenas como os bombardeamentos aéreos de cidades indefesas, a mortes em campos de concentração, a torturas como processo de confissão, homens generosos abatidos na praça pública, enquanto outros são forçados ao exílio para não serem sacrificados em holocausto a ideologias diferentes das suas.

Há que criar uma Internacional da Paz que vise imediatamente à doutrinação dos homens, dos jovens em especial, fora de todos os preconceitos, para pôr termo ao ódio traduzido em violência. Há que, acima de tudo, pôr em prática os generosos ideais das encíclicas *Pacem in terris* e *Populorum progressio,* com que dois Papas ofereceram aos homens os meios de se alcançar tão nobres ideais. Há que, finalmente, fazer reinar na Terra a paz entre os homens de boa vontade, devendo estes ser todos os seres humanos que a povoam.

Governos e cidadãos devem todos colaborar, e desinteressadamente, nessa obra de redenção, porque só assim todos nós poderemos sentir a dignidade plena da nossa Humanidade.

A. Álvaro Dória

Ora faça o favor de rir...

É vantagem?

Num grande armazém. Ela mostra um anel pechisbeque que acabava de surripiar.

Ele (zangado): — Sabes que eu sou Escoteiro e um Escoteiro não faz uma cousa dessas.

Ela: — Eis a vantagem de eu não ter sido Escoteira.

Imprensa Escoteira

PORTUGAL

Flor de Lis

Acusamos a recepção de mais um número da revista oficial do Corpo Nacional de Escutas.

O Penachinho

O número 9 do jornal do Grupo n.º 36 da A. E. P., Angola, visitou-nos, recheado de boas leituras sobre escotismo e de bastante noticiário das actividades desenvolvidas em Luanda.

ARGENTINA

Vida Scout

Acusamos a recepção dos n.os 104 e 105 desta revista, que se está dedicando, com grande cuidado, à propaganda e divulgação do escotismo naquele país.

BRASIL

O Guia

Este nosso camarada da imprensa escoteira, que se publica em Brás de Pina, Rio, Estado de Guanabara, no grande país irmão, publicou o número de Janeiro e Fevereiro, recentemente recebido na nossa Redacção. Este órgão escoteiro é publicado por um Grupo Escoteiro que tem o nome de David Barros, o nosso saudoso amigo e compatriota, que foi dedicado colaborador de «Sempre Pronto».

«O Guia» é um jornal cheio de entusiasmo e de bom espírito escoteiro. Cada número que se publica é uma manifestação de fé, porque é de distribuição gratuita, mantendo-se da colaboração de casas comerciais. O número que agora veio a lume deixa um avultado déficite. As dificuldades de «O Guia» merecem a melhor simpatia de todos os Escoteiros.

Velha Guarda

Acusamos a recepção dos n.os 97, 98, 99, 100, 101 e 102 do boletim dos antigos escoteiros brasileiros. O número 100 merece as nossas especiais saudações. Votos de longa vida para a «Velha Guarda».

Nheengaba

Em noso poder o n.º 31, de Março, do jornal do 199.º Grupo Escoteiro «Paulo César Marcelino», de Promissão, S. Paulo.

Jornal com muito interesse, já apareceu impresso em tipografia, mas voltou ao duplicador.

A Gralha

Recebemos o n.º 3, de Dezembro, do boletim do 44.º grupo Escoteiro Tupinambás.

O Caça

Um novo jornal surge nos Escoteiros do Brasil.

Com muito bom aspecto e cuidada disposição gráfica se apresenta o n.º 1 do órgão do Grupo Escoteiro do Ar «Salgado Filho», de Brasília.

Parabéns aos editores de «O Caça» pela sua feliz iniciativa, que vai enriquecer o Escotismo do Ar.

O Saveiro

Tivemos também pela primeira vez a visita deste jornal, pertencente ao Grupo Escoteiro do Mar «Almirante Adalberto Nunes», de Brasília. «O Saveiro», que já vai no n.º 8, também se apresenta com excelente aspecto gráfico.

Lorena

Órgão do Grupo Escoteiro Lorena.

O Penacho

Boletim do Grupo Escoteiro de Tapajós.

RECORTES ÁUREOS

O «Diário de Notícias», de 6 de Dezembro passado, trazia esta singela história, que nos leva a reafirmar que... cada vez mais gostamos dos cães:

História de dois cães que eram amigos

Era uma vez dois cães muito amigos, o «Joli» e o «Negus».

O primeiro, pequeno e ladino, era esperto e tinha estampada a esperteza no focinho. O outro, grandalhão e lento, era um autêntico não-te-rales, paciente, moderado, confiante, sempre, na protecção dos donos.

Um dia, os animais, pertencentes ambos ao sr. Valentim Horta, saíram a passear. Mordiscando-se, entregues a disparatadas brincadeiras, lá seguiam à frente de quem os acompanhava. De repente, desapareceram.

Ninguém ligou, que espertos eram os cães e não deixariam de achar a casa.

De facto, horas depois, apareceu o «Joli» à porta dos donos, raspando-a tristemente. A cauda baixa, quase chorosos os olhitos, o «Joli» dava mostras de grande tristeza. Do «Negus» nem sinal, e todos, então se preocuparam. Que seria feito do grandalhão de bom viver? Mistério. Passaram os dias e o «Joli» começou a fazer misteriosas saídas nocturnas, levando na boca alguns dos ossos que sobravam do jantar. Logo pensaram os donos que ali havia coisa e deram em segui-lo.

Verificaram, então, que o «Joli», mal saído de casa, convocava todos os cães das redondezas e, em matilha, seguiam campo fora. Ao longe, os seus seguidores viram-nos parar, latindo e fazendo como que uma espécie de dança ao redor do que não enxergavam bem o que fosse. Aproximaram-se, e os animais, em vez de fugirem, abriram círculo, contentes, dando pulos e ladrando.

Assim verificaram os donos do «Joli» que os bichos andavam à volta de uns buracos, respiradouros do que, antigamente fora uma mina. Lá no fundo, meio amedrontado, estava o «Negus», roendo ainda os ossos que os companheiros lhe haviam atirado.

Dois miúdos desceram ao fundo do buraco ,trazendo o «Negus» para cima.

Dezanove dias durou esta situação. Todas as noites, no lugar da Capela de Nossa Senhora dos Milagres, em Viseu, vários cães correram em socorro e companhia de um camarada caído em desgraça.

Moral da história? Valerá a pena deduzir?

O «Jornal do Comércio», por coincidência, fazia no mesmo dia estas preciosas considerações:

Quanto vale um rim humano?

O caso que nos relatam os jornais, em pequena notícia a uma só coluna, merecia um título a toda a largura da página, com letras garrafais, para chamar a atenção de toda a gente, de modo que nunca, jamais fosse possível repetir-se notícia semelhante. Trata-se de uma mulher argentina que pôs um dos seus rins à venda para poder resolver os seus problemas familiares: o marido com uma doença incurável há sete anos e um filho, de 11 anos, que é preciso mandar para a escola. Erminda Vieira — o nome desta heróica mulher devia ser decorado por todos os homens e por todas as mulheres, como um símbolo de trabalho e dedicação familiar —, assim se chama a protagonista vendedora de rim próprio, tem apenas 36 anos. Desde que o marido adoeceu, sem poder mais trabalhar e sustentar o agregado familiar, trabalha de sol a sol, sem descanso, mas mesmo assim tem a renda de casa em atraso e muitas dívidas em cima. É natural que até venha a ter ofertas de compradores para o seu rim saudável de mulher que não se rende nem ao trabalho nem aos trabalhos ou atribulações da vida. Mas o mais humano, o mais justo, seria proporcionar-lhe os meios de conservar o seu rim — que lhe faz muita falta para continuar a trabalhar como tem trabalhado até agora, pagando-lhe melhor o seu trabalho, concedendo ao filho uma bolsa de estudo e o internamento que o marido porventura necessita numa casa de saúde. No nosso mundo civilizado não se pode admitir que haja precisão de pôr anúncios como aquele nos jornais. São uma vergonha para a espécie. São o estigma de uma sociedade que apenas evoluiu materialmente mas perdeu, pelos caminhos do progresso mecânico, todos os valores humanos, todo o sentido moral da existência. Quanto vale o rim de uma mulher trabalhadora que nem sequer trabalhando de sol a sol consegue fazer face às necessidades primárias da sua casa? Vale uma fortuna de uma coragem sem limites, de um amor autêntico, de uma justiça que não se pratica. Mas quem aprecia, hoje, tais valores? No entanto eles aí estão, gritando por nós.

A Conferência de Dirigentes elegeu o Presidente dos Escoteiros de Portugal

Continuação da pág. 1

sempenho das mais variadas funções profissionais; foi também escoteiro-chefe do Grupo 5 e do Grupo n.º 25, anexo à Escola Veiga Beirão, onde era professor (1927/8). Foi comissário da Zona de Lisboa e chefe regional nos anos de 1926 a 1928. Participou na redacção de «O Escoteiro» de 1925 a Maio de 1928, primeiro como secretário e depois como redactor principal. Fez parte ainda da Comissão Executiva e foi secretário-geral da Associação, cargos que ocupou simultaneamente com o de director do jornal «Escotismo», publicado em 1933 e 1934. Fez também parte da Comissão que superintendeu à Organização Escotista de Portugal, criada em 1932, a que «Sempre Pronto» se referiu ainda no último número. Neste ano, em virtude de se ausentar para Angola ao serviço da empresa de que era funcionário superior, deixou a actividade escoteira. Regressado ao Continente, apesar de afastado do serviço activo, nunca se desinteressou do Movimento que amava, tendo «Sempre Pronto» tido o prazer de contar com a sua colaboração sempre que lhe foi solicitada.

É este o perfil escoteiro do homem a quem numa hora de esperança, foi confiada a presidência dos Escoteiros de Portugal.

ACONTECEU ANTES DO «25 DE ABRIL»

O Grupo 36 de Luanda ficou sem a sua «nova» sede

Pois é verdade! Os nossos Leitores recordam-se da alegria com que o nosso Correspondente em Luanda nos dava notícia do Grupo n.º 36 dos Escoteiros de Portugal ter conseguido uma nova sede no princípio do ano, que lhe fora cedida a instâncias de amigos. Os rapazes e as raparigas dedicaram-se com entusiasmo a alindar a sua sede e até os diminuídos físicos do ramo de extensão colaboravam com amor nesse trabalho. Pois em 19 de Abril o Grupo recebeu uma ordem para abandonar a sede, dentro de doze horas apenas, para no local ser instalada uma antena de televisão. Mas oiçamos o relato que nos chega de Luanda:

Do caderno de um Escoteiro-Chefe

Luanda, 20 de Abril de 1974, às 23 horas.

«Eram cerca de 12 horas quando telefone tocou. Do outro lado, uma voz amiga e logo reconhecida, em timbre grave, dá-nos a «notícia». Corremos para o local. Certificámo-nos da veracidade do que ouvíramos, pois custava a acreditar. Não queríamos mesmo aceitar a «notícia», admitimos um erro, um engano fácil de desfazer... talvez um recado mal recebido!

«Porém, a realidade «bateu-nos» na face e despertámos do sono em que mergulháramos. Cruzámos o olhar com o dos Amigos; repudiámos silenciosamente a «notícia». Fôramos o terceiro dirigente a sabê-la e ainda não tivéramos tempo para nos erguermos do tal «sono» de cogitações. Mais um telefonema... outro dos nossos com voz grave a perguntar se seria possível...

«Parecia ter passado uma eternidade desde que a «notícia» chegara... apenas uns escassos minutos tinham passado.

«Acordámos e pensámos que *parar é morrer*. Há vinte minutos que soubemos a «notícia» e já estava espalhada. Parecia um «ultimato»! Declarava-nos guerra. Uma guerra surda, arrasante, destruidora. Pelo nosso cérebro correu uma série de «porquês» na tentativa de levantar o véu e sentimo-nos frustrados, desprezados, perseguidos, quais criminosos declarados «inimigos públicos».

«Vieram-nos à mente ideias de revolta devido ao sangue jovem que nos corre nas veias, sabiamente acalmadas pelos mais conhecedores da vida, talvez por terem enfrentado mais reveses na sua existência. Aceitámos, raciocinámos e passámos à acção. Uma acção que prometia ser dura e longa, cruel até. Uma acção que destruiria tudo quanto fora feito em quatro meses de trabalho por jovens, rapazes e raparigas, com suor, esforço e muito amor. Doía-nos a alma, o interior ardia, estávamos e estamos feridos.

«Sentimos necessidade de nos apoiarmos nos nossos irmãos. Eles foram surgindo aos poucos e oito horas depois, terminada a acção devastadora, estávamos todos muito unidos. Era preciso comunicar aos mais novos. Tarefa difícil, muito difícil, convencer os mais novos de que a «notícia» não era uma ordem dada por homens destruidores, mas sim por homens preocupados com o desenvolvimento das comunicações em Angola. Vinte e quatro horas depois da «notícia» recebida, os mais novos do «36» ouviram o relato fiel do que se tinha passado. Cerca de quarenta rostos, com traços de adolescência, *devoravam* tudo o que ouviam, com ar grave, mas sem abandonar o tom alegre da juventude, compenetrados da situação. Belos exemplos recebemos desse punhado de jovens que logo nos afirmaram que não podíamos cruzar os braços, que era preciso ir avante e não desanimar.

«Obrigado sincero a todos os RAPAZES e RAPARIGAS do «36» pela magnífica lição que nos deram quanto ao modo de agir, se é que por momentos vacilámos, desanimámos...

«Na posição de membro da Chefia do «36», compreendemos o silêncio grave que os «nossos» escoteiros nos ofereceram em tão angustiante situação da vida do Grupo. Se até aqui estávamos voluntariamente com eles, agora, em face da sua atitude, somos obrigados a estar por e com eles».

★

Estas frases soltas pertencem ao caderno de um Dirigente do «36» de Luanda, Angola. Nelas se relatam os factos que se passaram nos dias 19 e 20 de Abril último, em que a sede, ocupada apenas há 4 meses, teve de ser evacuada com a brevidade de um simples «imediatamente». O Grupo ficou sem sede a quatro dias da comemoração do 49.º aniversário da sua fundação. Duro golpe, mas a nossa Lei diz que *o Escoteiro é alegre e sorri perante as dificuldades...*

Por vezes custa muito cumprir este artigo, mas o «36» tem de cumprir, pois são 49 anos de trabalho e uma vida que deve ser respeitada. É preciso trabalhar, lutar até para que não cesse tão abruptamente.

Dos problemas da vida só a morte não tem solução e o «36» não morreu. Agradeçamos aos jovens que afirmaram, pela sua atitude, que o Grupo não morreria. Nós, os Dirigentes, já o sabíamos, mas foi reconfortante sabê-lo directamente dos nossos magníficos Rapazes e Raparigas.

O «36» não pára, nem morre, continua VIVO. A *chama* do Escotismo da AEP *arde* em Luanda.

Jarclouco



Manuel Franco Moniz

Faleceu em Lisboa, aonde se tinha deslocado com o fim de ser sujeito a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Santa Maria, o nosso companheiro Manuel Franco Moniz, antigo escoteiro e dirigente do Grupo n.º 24, do Funchal ,e ajudante do Comando dos Bombeiros Voluntários Madeirenses.

Durante os dias em que esteve na Capital que antecederam o seu falecimento, este nosso companheiro teve diversos contactos com elementos escotistas. Vimo-lo, por exemplo, no almoço de confraternização do dia 1.º de Dezembro, com o nosso companheiro Eugénio Ribeiro Nunes e esposa, visitando mais tarde a sede da Fraternal, onde lhe foi oferecido o respectivo emblema pelo infatigável Ernesto Clímaco.

À família em crepes, *Sempre Pronto* apresenta pêsames sentidos.

Administração

Na continuação das manifestações de apoio a «Sempre Pronto», o nosso estimado assinante desde o primeiro número, sr. José Ferreira da Silva, antigo escoteiro e dirigente do Grupo 1, remeteu 100$00 para pagar um ano de assinatura.

Também o nosso estimado colaboraldor e amigo sr. rev. Eduardo Moreira, nos enviou 200$00, sua gentil oferta e de sua filha sr.ª D. Maria Elisana.

Ainda o nosso dedicado assinante sr. Vítor Manuel da Conceição Ferreira nos remeteu 50$00 para auxiliar o nosso jornal nesta emergência.

Agradecemos.

Para chegares ao teu fim não acotoveles os outros; ai dos que vencem à custa da amargura dos outros.

CASTILHO

Reflexões sobre a violência

O recente atentado que vitimou o senador Robert Kennedy (*) deixou o mundo atónito. Mas as primeiras reacções, em especial nos Estados Unidos, não parecem ter muita coerência, tomando algumas mesmo o aspecto desordenado das impressões espontâneas perante o inexplicável.

Assim, enquanto, por um lado, nas altas esferas se procura criar ambiente favorável a leis que, tanto quanto possível, possam amanhã impedir a repetição de actos tão indignos como os que deram a morte aos irmãos Kennedy e ao Dr. Martin Luther King (para aqui não me referir à legião daqueles que, por terem ocupado lugares mais apagados na vida social ou política da grande república, breve esqueceram), por outro lado há a repulsa manifestada de vário modo, consoante a mentalidade, a idade, a cultura (ou incultura) dos que traduzem a sua indignação ou o seu desespero com gritos histéricos ou apóstrofes violentas.

Tudo isto é compreensível num país que, apesar do seu substracto anglo-saxónio, é hoje um povo fortemente mesclado, onde predominam elementos de origem latina, à frente dos quais se contam espanhóis (incluindo centro e sul-americanos) e italianos, que, embora se tenham adaptado, mais ou menos, ao *american way of life,* não puderam (ou não quiseram) adoptar o sistema anglo-saxónio de educação que visa, antes de mais, à formação dos cidadãos.

Dizia eu que é compreensível que nos Estados Unidos se torne possível disparidade tão espectacular nas manifestações de reacção contra o odioso atentado que deu a morte ao segundo dos Kennedy.

Mas, se metermos, os europeus, a mão na consciência, breve chegaremos à conclusão de que, deste lado do Atlântico, o «clima» não é mais benigno, porque os atentados cometidos na grande confederação norte-americana resultaram imediatamente do ódio que gera, *et pour cause,* a violência. E o ódio — o ÓDIO! — campeia hoje sem freio no Mundo todo. Simplesmente na Europa, leis mais rigorosas e policiamento mais estreito impedem a proliferação destes actos espectaculares, apesar de não terem impedido a multiplicação dos crimes de assassínio de que os jornais, a cada passo, dão dilatados relatos.

Mas, poderão leis rigorosas e policiamento estreito acabar de vez com o ódio? *That is the question...*

O problema apresenta-se-nos sob vários e complicados aspectos, que não posso, em breve artigo jornalístico, sequer abordar. Limitar-me-ei, por isso, a considerar apenas um deles, ao que se me afigura o mais relevante.

Não ponho em equação tal problema, localizando-o na vasta zona que se estende de Nova Iorque a São Francisco, porque o considerarei à escala do Mundo inteiro.

A violência que encontramos em qualquer parte para onde voltemos os olhos, essa violência a respeito da qual o sociólogo francês Georges Sorel escreveu um livro célebre no dealbar deste século, essa violência, disse-o linhas atrás, é fruto do ódio, cultivado pelo Homem desde o fundo dos tempos como planta estimada, a despeito de ser ele um dos elos mais fortes que ainda nos prendem à Animalidade.

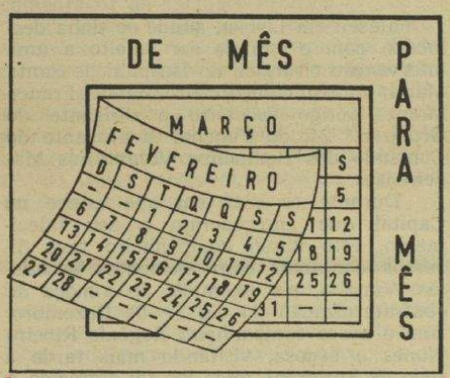
Pelos tempos fora temos visto o ódio, de povo contra povo, de raça contra raça, de crença contra crença, de ideologia contra ideologia originar a violência, que revestiu pelos séculos fora os aspectos mais monstruosos.

Recuando nos tempos, vamos encontrar a inveja como a determinante imediata desse ódio, que a *Bíblia* exemplificou, antes dos tempos, com a luta dos anjos rebeldes, e, mais tarde, na manhã da humanidade, com a morte de Abel.

Esforçaram-se, no decorrer das idades, filósofos e doutrinadores, por levar o Homem à compreensão da sua Humanidade, mas sempre a morte foi o prémio que colheram por haverem semeado ideias de nobilitação humana: Sócrates bebendo a cicuta, Cristo expirando na cruz,

Continua na pág. 9

(*) Do valor deste artigo do nosso estimado colaborador A. Álvaro Dória, do equilíbrio do pensamento, da humanidade das suas conclusões, podem os nossos Leitores agora aquilatar. Pois tanto este raro conjunto de virtudes, como o espírito de tolerância de que está penetrado não obstaram a que sanha da famigerada Censura-Exame Prévio sobre ele se encarniçasse, motivo por que não pôde ser publicado em 1970, sorte — pouca sorte — que aliás tiveram, em diversas contingências, este e outros nossos colaboradores, que viram o produto do seu trabalho sofrer igual tratamento ou ser impiedosamente amputado. Afastada que foi a barreira que impediu que *Reflexões sobre a violência* chegasse ao conhecimento do público leitor, apressamo-nos a oferecer este trabalho aos nossos Leitores, visto manter toda a sua actualidade e ainda perdurarem os motivos que recomendam a sua publicação.



«Sempre Escoteiro»



A divisa «Once a Scout; always a Scout» é por vezes traduzida por «Um dia Escoteiro; toda a vida Escoteiro», frase esta que não é fiel nem à letra nem ao espírito da sentença. UMA VEZ ESCOTEIRO; SEMPRE ESCOTEIRO e não só a tradução correcta como reproduz inteiramente o significado da frase original. Sempre Escoteiro não só ao longo do tempo, mas em todas as ocasiões, nos bons e maus momentos, quando tudo é vantajoso e quando só há nisso desvantagens. Não foram sempre escoteiros aqueles que trocaram em certa altura o nosso fardamento por uniformes anti-escoteiros; os que aproveitaram benefícios de atitudes menos correctas; os que hesitaram no cumprimento do dever. Os SEMPRE ESCOTEIROS traçam uma linha recta — fidelidade à Promessa e à Lei do Escoteiro — em qualquer caso não precisam de mudar de pele, não trocam de fardamento, não mudam de opinião: são SEMPRE ESCOTEIROS.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00